

REPUBLICA



ESTADO DO RIO GRANDE DO SUL
SECRETARIA DE ESTADO DOS NEGÓCIOS DA SEGURANÇA PÚBLICA
Administração Superior

07938

ARQ. - SSP
N. 1191

D. C. I. - Departamento Central de Informações
Porto Alegre - RS 23 OUT 1974

- 1. ASSUNTO **PANFLETO**
- 2. REFERÊNCIA :
- 3. DIFUSÃO **E2/IIIEx - APA/SNI - A2/V COMAR - SR/DPF/RE - M2/5º DN
GENIMAR**

ENCAMINHAMENTO Nº 22-2881/74 DCI - SSP - RS

Esta Divisão encaminha o seguinte Anexo, cópia xerox dos seguintes documentos:

- Panfleto intitulado "A Política da Tortura e do Assassinato".
- Panfleto "Voz Operária" nº 115/setembro de 1974 do Órgão Central do Partido Comunista Brasileiro.



1062
21

E204 0305

A POLÍTICA DA TORTURA E DO ASSASSINATO

Para criar uma aparência de legalidade, a ditadura produziu um corpo de leis e decretos que aprisionou a nação num círculo de ferro onde só prevalece o arbítrio e o que este falsamente de "interesse da segurança nacional". Mas a violência, uma vez começada, não conhece limites e os agentes do poder sempre ultrapassam as fronteiras criadas pelas leis de exceção, que por si já eram monstruosas, para torturar e matar, certos da impunidade que lhes era assegurada pelo fato de estarem agindo em "defesa da Revolução".

Com o passar do tempo o aparelho repressivo foi-se tornando cada vez mais sofisticado. Muitos oficiais das forças armadas e policiais foram mandados ao exterior para aprenderem os métodos mais modernos de tortura e flagelação. Grandes quantidades do mais moderno equipamento que a indústria do imperialismo produz para "aperfeiçoar" a repressão política foram importados, quase sempre doados pelo governo dos Estados Unidos. Nos principais centros políticos nacionais, foram criados organismos destinados à repressão política com a participação de elementos especializados provenientes das forças armadas, das forças auxiliares (PM) e da polícia civil. No Rio, localizou-se o CODI (Coordenação de Defesa Interna) no quartel da Polícia do Exército da rua Barão de Mesquita, dirigido em sua época de atividade mais intensa pelo Coronel Adir Fiuza de Castro, responsável por um sem número de assassinatos e desaparecimentos de presos políticos e regente das sessões de tortura que muitas vezes comandou pessoalmente. Um dia, quando se abriu o processo desses crimes, este homem vai-se tornar conhecido de toda a nação, como um medonho assassino, cuja mera existência é uma desonra para uma sociedade civilizada.

Em São Paulo, foi criada a OBAN (Organização Bandeirantes) entre que à direção do Delegado Fleury, reu de inumeráveis processos de homicídios em andamento nos tribunais paulistas. Apesar de ser conhecido como assassino, esse policial sempre mereceu a proteção da ditadura, que chegou até mesmo, no governo Médici, a promulgar uma lei especialmente com o objetivo de livrá-lo do decreto de prisão preventiva que o ameaçava, por ter sido pronunciado em processo de homicídio doloso.

Hoje sabemos de muitos crimes, de milhares de crimes cometidos pela ditadura, que estão devidamente registrados nos processos judiciais, em autos de inquéritos já arquivados, nos registros de óbito dos cartórios, nas fichas de atendimento de muitos hospitais. Mas isto é apenas uma parte da terrível realidade. Quando se abrir o processo dessa época, o processo desses governos e dessa ditadura e de cada um dos que a eles serviram como capangas, aí então saberemos de muitos outros crimes da ditadura e o povo brasileiro verá estarrecido que, longe de ser essa a época do desenvolvimento, das estradas e pontes monumentais, ela foi e ficará sendo para sempre uma época de terror, de repressão e de vergonha para a nação brasileira.

Nas atuais condições, em que há rigorosa censura à imprensa, quando o próprio Superior Tribunal Militar é frequentemente desacatado por comandantes de quartel que negam até informação sobre atos de seqüestro, prisão, tortura e assassinato que, sob sua responsabilidade, são cometidos à luz do dia, em plena via pública, ou nas masmorras, transformadas em prisões políticas, é impraticável tentar relacionar em estatísticas precisas as vítimas da repressão fascista. São dezenas de milhares de brasileiros - trabalhadores, intelectuais, estudantes, homens de todas as profissões e de todas as camadas sociais, que tinham em comum o desejo de combater a tirania do imperialismo estrangeiro em nosso país e que, se por vezes se equivocaram sobre o modo correto de desenvolver esse combate, são mil vezes absolvidos do erro que cometeram porque a ele foram induzidos pela ira justa e sagrada contra os tiranos - cuja vida profissional e familiar está arruinada, que são forçados a viver longe de sua terra e de seu povo, ou que são forçados à dura vida na clandestinidade, ausentes da família, que frequentemente fica ao desamparo, ou que estão condenados e presos em condições infamantes, ou que simplesmente foram assassinados.



Quem saberá dizer onde se encontram, se ainda se encontram vivos, Paulo Wright, Honestino Guimarães e Humberto Quaresma Neto, sequestrados e "desaparecidos" pela polícia política no Rio, em novembro de 73? Quando se terá notícias de Eduardo Collier e Fernando Augusto Cruz de Oliveira, também sequestrados no Rio, em pleno sábado do último carnaval? Que destino esperou na Polícia do Exército, igualmente no Rio, ao ex-major Joaquim Pires Cerveira e ao operário João Batista Rita Pereda, que a polícia argentina prendeu e entregou à ditadura brasileira em 5 de dezembro de 73? E as dezenas de presos políticos brasileiros que estavam no Chile e foram entregues pelo fascismo chileno ao fascismo brasileiro, conforme reiteradas denúncias publicadas na imprensa internacional, mas dos quais não se sabe ainda nem sequer os nomes? Como estas, ficam no ar, perdem-se nos labirintos sinistros da repressão fascista as respostas a muitas e muitas perguntas sobre a sorte reservada às suas vítimas.

Publicamos abaixo uma lista de 157 brasileiros assassinados - pela ditadura, nesses dez anos de martírio do povo brasileiro. Eram homens e mulheres, muito jovens, todos cheios de esperança, de vitalidade e de amor ao nosso povo. Entre todas as vítimas, são os mais sacrificados, porque deles foi subtraído até mesmo o direito de viver. É uma relação impressionante, brutal. Mas ainda é apenas uma parte da realidade. Há muitos outros mortos no passivo deste regime assassino. De alguns se conhece o prenome, como o das jovens Dina e Helena, assassinadas em Marabá. Ou de outra combatente, Anatália, assassinada em Recife; assim como de um Kleber, ou de um Alexandre, assassinado em São Paulo. De outros se sabe até aqui apenas o apelido carinhoso pelo qual os chamavam seus amigos e companheiros, como o ex-marinheiro "Quaresma", o "Cativara", ou o "Marquito", este assassinado em São Paulo em 69. De outros ainda se conhece por enquanto somente o prenome e o nome de guerra que adotavam, como é o caso de um Mariano, que seus companheiros conheciam como "Diógenes". De muitos outros se sabe até agora apenas que existiram. A História de nossa Pátria há de tirar do anonimato e render Homenagens a esses lutadores que chegaram ao supremo sacrifício na luta pela libertação do povo brasileiro.

Eis a relação dos 157 perseguidos políticos assassinados pela ditadura:

Aloisio Palhano	Carlos Alberto Soares Freitas
Aylton Adalberto Mortahi	Carlos Eduardo Pires Fleury
Aurora Maria Nascimento Furtado	Carlos Marighella
Ari de Abreu Lima da Rosa	Carlos Lamarca
Aldo Sá Brito de Souza Neto	Chael Charles Schreider
Antonio Joaquim de Souza Machado	Celio Augusto Guedes
Antonio Carlos Bicalho	Carlos Alberto Soares
Antonio dos Treis Reis de Oliveira	Denis Antonio Cassemiro
Alceri Maria Gomes da Silva	Dorival Ferreira
Aderval Alves Coqueiro	Devanir de Carvalho
Antonio Sergio de Mattos	Devanir José de Carvalho
Alex de Paula Xavier Pereira	Edson Cabral Sardinha
Alexandre José Ibsen Voerocs	Evaldo Luiz Ferreira de Souza
Antonio Carlos Nogueira Cabral	Eudaldo Gomes da Silva
Antonio Benetasso	Eduardo Antonio da Fonseca
Arno Preiss	Emanuel Bezerra dos Santos
Ana Maria Nascimovic Correia	Eduardo Leite
Alexandre Vannucci	
Antonio de Araujo Lucena	Evaldo Palha Freire
Arnaldo Cardoso da Rocha	Edson Luiz de Lima Souto
Alexandre (Est.S.Paulo)	Flavio de Carvalho Molina
Antonio Amado	Francisco José de Cliveira
Arnold Prates	Frederico Eduardo Mayr
Antonio Henrique Pereira (padre)	Fernando Augusto Fonseca
Almir Custódio de Lima	Francisco Emanuel Fenteado
Boanerges Massa	Francisco José de Cliveira
Celso Gilberto de Oliveira	Francisco Jacques Moreira de Alvarenga
Carlos Nicolau Danielli	Francisco Seiko Okama

Getúlio de oliveira Cabral	Luis Fogaça Balboni
Gelson Reicher	Lauriberto José Reis
Gerson Teodoro Tavares	Lincoln de Araujo
Gilão Macedo Lacerda	Luis José da Cunha
Hiroaki Torigoi	Luiz Alberto Andrade de Sá e Benevides
Helcio Pereira Fortes	Luciano Jurandir Gomes
Herber Goulart	Milton Palmeira
Helio Paiva	Mario Alves de Souza Vieira
Isis Dias de Oliveira	Marilleno Villas Boas Pinto
Joaquim Alencar de Seixas	Mariano José da Silva
José Julio de Araujo	Maria Regina Lobo Figueiredo
João Lucas Alves	Mario de Souza Prata
João Domingues da Silva	Marcos Mello
Jcaç Muniz de Araujo	Marcos Nonato da Fonseca
José Bartolomeu de Souza	Maria Augusta Tomas
Jorge Leal Gonçalves Pereira	Marcio Beck Machado
José Wilton Pinheiro	Manuel Lisboa de Moura
José Gomes Teixeira	Mancel Raimundo Soares
Jarvas Pereira Marques	Marcos Antônio Silva
José Manuel da Silva	Manuel Alves
José Wilson Lessa Sabak	Marcos Pinto de Oliveira
José Raimundo da Costa	Marival Araujo
José Campos Barreto	Marilena Finto Carneiro de Mendonça
José Carlos Arantes de Almeida	Norberto Nehring
Jegvah Assis Gomes	Odiyar Carvalho de Souza
João Mendes de Araujo	Olavo Hansen
João Carlos Cavalcanti Reis	Paulina Reischtul
Juarez Guimaraes de Brito	Paulo de Tarso Celestino
José Milton Barbosa	Roberto Macarini
Joelson Crispim	Raimundo Figueiredo
Joaquim Câmara Ferreira	Raimundo Eduardo da Silva
José Pimenta	Rubens Beyrodt Paiva
José Dantas Barreto	Ranucia Rodrigues
	Roberto Cieto
José Bartolomeu de Souza	Reinaldo de Souza Pimenta
José Porfírio	Raul Amaro Nin Ferreira
José Sílton Cabral	Rui Pftzvreter
Jeovah Ferreira	Ronaldo Queiroz
José Roberto Spiegner	Stuart Edgard Angel Jones
João Lopes Salgado	Sonia Moraes Jones
José Oscar Müller	Soledad Barret Viedman
José Meriz Guilhardini	Sergio Landulfo Furtado
José Carlos Novaes da Matta Machado	Virgilio Gomes da Silva
James Alen da Luz	Salatiel Teixeira Rolim
Lincoln Bicalho Roque	Severiano Viana Collon
Luiz Eduardo da Rocha Melino	Valdir Salles Saboia
Lais de Oliveira Del Royo	Yuri Xavier Pereira
Luiz Hirata	Yoshmure Fujitani
Lincoln Cordeiro Oest	Yara Iavelberg
Luciana Ribeiro da Silva	

(Transcrito da Revista "ESTUDOS", Ano LV, nº5-Abril de 1974).

LEIA E PASSE ADIANTE.

